



**DIVERSÃO SOBRE RODAS: JOGOS E BRINCADEIRAS TRADICIONAIS
PARA A INICIAÇÃO AO SKATE**
**FUN ON WHEELS: TRADITIONAL GAMES
FOR SKATEBOARDING INITIATION**

MARTINS, Mariana Zuaneti¹

URRA, Silvia²

DANTAS, Aline Soares³

RESUMO

O skateboarding é uma modalidade esportiva que recentemente adentrou ao programa olímpico. Pela crescente popularidade e pelo forte apelo identitário juvenil, vem chamando a atenção da juventude em aprender essa prática. A fim de contribuir com a democratização da prática, este ensaio tem por objetivo apontar algumas possibilidades de adaptação nos jogos populares para o ensino do skate na etapa de iniciação da prática esportiva. Partindo dos pressupostos da pedagogia do esporte, ressaltamos que o aprendizado da modalidade em ambientes formais e não formais de ensino pode partir da cultura lúdica das crianças. Portanto, sistematizá-la nos ambientes de ensino traz o ganho de adicionar princípios pedagógicos com o fim de democratizar o acesso, tanto para meninas quanto para meninos, permitindo a inclusão, a difusão de valores éticos e de adaptações que permitam o prazer com a prática, mesmo aos iniciantes.

PALAVRAS-CHAVE: Esporte; Ensino; Skate

1 Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) Vitória, ES, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0926-7302>, marianazuaneti@gmail.com.

2 Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) Vitória, ES, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7778-630X>. Silvia.Urra1@gmail.com.

3 Faculdade Multivix Vitória, ES, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2194-9285>. dantasedf@gmail.com.

**ABSTRACT**

A sport discipline that has been recently added to the Olympic Programme is skateboarding. Due to its growing popularity and its strong identity appealing, skateboarding has called the attention of young people to learn this discipline. With the aim of contributing to the democratization of this sport, this essay intends to point out some possibilities on the adaptation of popular games for teaching skateboarding during the initiation phase of sport practice. Based on assumptions of the sport pedagogy, we highlight the learning of skateboarding in formal and non-formal teaching environments can start from children's ludic culture. Therefore, the systematization in the learning environments contributes on gaining pedagogic principles that can help democratizing the access for girls as well as for boys, allowing inclusion, spreading ethical values and adaptations that enable fun and practice altogether even for beginners.

KEYWORDS: Sport; Teaching; Skateboarding

INTRODUÇÃO

No último ciclo olímpico, o skateboarding, ou skate, foi incluído como modalidade esportiva. Prática corporal muito recente, o skate surgiu na década de 1950, nos Estados Unidos, como uma prática entre os surfistas californianos para os momentos em que o mar estava sem ondas (BRANDÃO, 2008). A proposta era adaptar as manobras no surf utilizando rodas de patins para executá-las nas ruas e nos asfaltos. Nesse sentido, emergiu como uma prática urbana e circunscrita a uma subcultura juvenil. Nas décadas seguintes, foi se tornando uma prática por si só e alguns agrupamentos começaram a "esportizá-la". Todavia, o legado de uma prática vinculada a uma subcultura permanece vivo, de modo que se trata de uma série de técnicas corporais de locomoção, giros, equilíbrios e saltos sobre uma plataforma de madeira com quatro rodas, que são transmitidos e criados de geração para geração de modo informal nos espaços e contextos de prática.

No âmbito esportivo, o skate pode se enquadrar como modalidade "radical". Esportes são definidos como radicais, segundo Uvinha (2002), por terem em comum o gosto pelo "risco" e pela aventura, isto é, por serem praticados em ambientes que não aparentam ser 100% controlados. São assim classificados conforme o ambiente em que são praticados, como ambientes aéreos, aquáticos e terrestres. O skate enquadra-se como um esporte radical terrestre praticado em espaços urbanos e popularizado ao longo do tempo.

Para seus praticantes, a importância dessa prática não recai só nas



DOI: 10.12957/e-mosaicos.2022.51337

características radicais de vivenciar e experimentar novas formas esportivas, mas também porque trazem aprendizados resultantes de processos sociais, gerando princípios educacionais sem ter sido intencionalmente estruturada para esse fim. Por outro lado, independentemente de ser um esporte com saberes não institucionalizados, o skate “envolve a formação de valores, o compartilhamento de conhecimentos e a transferência de elementos objetivos como também subjetivos para a produção identitária” (SARAVÍ; HONORATO, 2017, p. 402, *tradução nossa*).

No Brasil, a modalidade começou a se popularizar ao final na década de 1970, com o surgimento de campeonatos amadores e profissionais, que culminou em campeonatos estaduais e nacionais, na constituição de associações e, posteriormente, na Confederação Brasileira de Skate - CBSK (BRANDÃO, 2008). Na última pesquisa feita por parte da Confederação Brasileira de Skate⁴ (CBSK, 2015) junto ao grupo de pesquisa Datafolha, constatou-se o aumento do público praticante de skate, sendo de 8.449.980 (oito milhões quatrocentos e quarenta e nove mil novecentos e oitenta) praticantes. Dentro desse resultado, também chamou atenção que a maioria dos praticantes é do gênero masculino, correspondendo a 81% do total de skatistas. Quanto ao gênero feminino, houve um aumento no número, crescendo de 10% em 2009, para 19% em 2015, o que representa aproximadamente 1.600.000 (um milhão e seiscentas mil) de meninas e mulheres. Isso significa uma grande popularização da modalidade entre os gêneros.

Nesse sentido, por ser uma modalidade que recentemente adentrou ao programa olímpico, pela crescente popularidade e pelo forte apelo identitário juvenil, o skate vem chamando a atenção de crianças e de jovens interessados em aprender essa prática. No entanto, duas barreiras podem ser encontradas nesse processo. A primeira refere-se ao estigma que, enquanto subcultura, o skate ainda apresenta, como prática restrita a grupos urbanos transgressores (RAMPAZZO; STIGGER, 2016). Em segundo lugar, por se tratar de uma prática de aprendizados informais. A ausência de espaços e de condições que favoreçam a disponibilidade de prática pode se tornar uma barreira. A escola acaba não sendo vista como um espaço adequado para tal aprendizagem, já que muitas vezes não possui as condições adequadas, não permite essa prática e assume as rotulações estigmatizantes sobre o skate. Em outras palavras, essas duas barreiras somadas podem gerar um receio de envolvimento com o ambiente do skate, um medo de se machucar e uma

4 A Confederação Brasileira de Skate começou a realizar pesquisas a partir do Instituto Datafolha, sobre o número de praticantes de skate no Brasil. Há registros de pesquisas referentes aos anos de 2002, 2006, 2009 e 2015.



DOI: 10.12957/e-mosaicos.2022.51337

vergonha se arriscar ao aprendizado de algo novo.

Um dado que ajuda a entender o menor número de meninas e mulheres praticantes é o de ele ser praticado nas ruas e nas praças, espaços públicos aos quais elas têm mais dificuldade de acesso (WENETZ, 2013). Meninas também podem ter receio em arriscar-se diante de novas aprendizagens, em função da falta de confiança nas suas habilidades e do medo de machucar-se (UCHOGA; ALTMANN, 2016; SO; MARTINS; BETTI, 2018), e, por isso, não é aleatório que a maior parte das pesquisas sobre skate pouco mencionam mulheres praticantes (MACHADO, 2011, 2017; SARAVÍ, 2012). Por essa via, parece ser importante, para a popularização ampla entre meninas, que a aprendizagem da modalidade seja mediada pedagogicamente por professores e professoras.

Por isso, destacamos que a Educação Física escolar ou os projetos sociais que reúnem jovens podem ser espaços profícuos para problematização dessas duas situações. Nesses ambientes, podemos abordar a história do skate, contar sobre os grupos juvenis, discutir as diferentes manifestações do esporte, como a de rua e a olímpica; construir e praticar skate de dedo e, por fim, vivenciar e aprender um pouco dos elementos de prática da própria modalidade sobre a prancha de madeira com as quatro rodinhas.

Evidentemente que outras barreiras surgem, como a ausência de materiais e de espaço adequado. Todavia, tais barreiras podem ser negociadas no interior da própria escola ou projeto. A quadra ou o pátio são espaços propícios para a prática. Com relação ao skate em si, é possível pensar em contextos de revezamento do equipamento, de modo que, com poucos recursos, os estudantes possam experimentar a prática e vivenciá-la.

Nessa mesma direção, existem propostas e reflexões sobre o ensino do skate dentro do contexto escolar (MALDONADO; SILVA, 2015). Armbrust e Lauro (2010) apontam o skate como ferramenta de aprendizagem dentro das aulas de Educação Física, intervindo no desenvolvimento motor, psicomotor e sociocultural dos alunos. Por sua vez, enfatizam o papel do professor de Educação Física e a responsabilidade que ele tem em gerar mudanças estruturais no conteúdo esportivo da aula. Sugerem um aprendizado lúdico, através dos jogos, e uma sequência pedagógica que promova a aprendizagem de forma eficaz, observando dificuldades e estimulando melhores técnicas e cuidados. Investem em uma educação para a autonomia, com o exemplo de guardar os skates após as aulas e preservá-los, oportunizar escolhas, privilegiar as atividades em grupos, construir as regras e mudá-las, permitir que os alunos tracem estratégias e, principalmente, que as testem para, assim, refletir se foram boas ou não.



À luz dessas dificuldades e possibilidades, esse ensaio busca apresentar algumas possibilidades pedagógicas para o ensino do skate. Com base nas propostas da pedagogia do esporte (GALATTI et al., 2014), descrevemos algumas diretrizes metodológicas para proporcionar o aprendizado do skate para crianças e jovens. Nosso horizonte não é apresentar uma única forma de ensinar o skate, mas contribuir com o debate sobre sua pedagogização, em busca da democratização dessa prática corporal, tão recente e desconhecida, visando desconstruir alguns de seus estigmas e também possibilitar que mais pessoas tenham acesso à mesma.

Embora essas propostas sejam direcionadas a turmas mistas de ensino, em nosso horizonte, está o aprendizado dessa prática social em especial pelas meninas. Destacamos que as redes informais e de rua do aprendizado da prática, muitas vezes, as excluem. Por outro lado, a falta de confiança nas suas próprias habilidades, a insegurança, a baixa autoestima e o medo fazem com que elas promovam também sua auto exclusão. Acreditamos que incentivá-las a arriscarem-se diante dessa prática, a transgredir limites e expor seus corpos e suas performances de forma pública e com orgulho, pode contribuir para desafiar algumas dessas interdições e promover um empoderamento e valorização das mulheres nessa prática esportiva.

Para tanto, nosso ensaio se divide em duas seções. A primeira é destinada a apresentar alguns pressupostos da pedagogia do esporte e da compreensão da lógica interna do skate. A segunda propõe algumas estratégias didático-metodológicas, conteúdos e, em seguida, algumas atividades para o ensino do skate por meio do jogo. Por fim, esboçamos algumas considerações finais, dialogando com outros artigos que debateram o ensino do skate.

“ROLÊS” DA PEDAGOGIA DO ESPORTE PARA O SKATE

A pedagogia do esporte, no Brasil, é compreendida como o campo de conhecimento que trata do ensino, vivência, aprendizagem e treinamento do esporte (GALATTI et al., 2014). Esse campo busca compreender processos formais, mas também informais, de aprendizagem do esporte, refletindo sobre as práticas mais plurais possíveis, que conferem sentido e significado à aprendizagem e treinamento esportivo. Tem como pressuposto a ideia de que não se trata apenas da iniciação esportiva e, tampouco, do esporte praticado em ambientes formais de ensino. Pelo contrário, uma das propostas emergentes desse campo de ensino é a “pedagogia da rua” (FREIRE, 2003), segundo a qual as escolinhas de futebol deveriam se apropriar e sistematizar



DOI: 10.12957/e-mosaicos.2022.51337

as brincadeiras que as crianças já desenvolvem nas ruas e por meio das quais ressignificam o esporte para a sua cultura lúdica, a fim de sistematizá-las para promover o ensino.

A proposta de sistematizar o que ocorre na rua, ou seja, a forma pela qual as crianças transformam o esporte em parte da sua cultura lúdica abrange dois pressupostos. Em primeiro lugar, a ideia de que deve se ensinar a prática do esporte a partir do jogo, porque esse é o elemento dominante nessa apropriação (LEONARDO, SCAGLIA, REVERDITO, 2009). Isso significa que, mesmo o processo de sistematização desse ensino, deve se pautar na complexidade do jogo, manipulando-o com intencionalidade pedagógica – simplificando-o, exagerando-o, adaptando-o – a fim de desenvolver, sobretudo, a capacidade de jogar, colocando como centro, dessa maneira, nos sujeitos que jogam e não os gestos padronizados e estabelecidos a priori (GRECO et al., 2013). Em vez de repetição, preza-se pela compreensão, pela inteligência e pela criatividade, aspectos fundamentais para a tomada de decisão e para a preservação de uma das características mais caras ao jogo, a imprevisibilidade (PAES et al., 2009).

Em segundo lugar, esses autores não fazem uma apologia a tudo que se desenvolve nessa pedagogia da rua. Segundo João Batista Freire (2003), um ambiente formal de ensino é bem diferente de um ambiente informal (como a rua), cujas regras são estabelecidas com base na tradição e nas relações de poder correntes. Isso significa que, muitas vezes, a prática do esporte que acontece na rua pode ser atravessada por relações de exclusão e de hierarquias. Não à toa que muitas meninas se encontram fora desse espaço. Embora isso se dê também pelos discursos culturais que afirmam que a rua, como qualquer espaço público, não é um lugar pertinente para elas ocuparem, muitas vezes também é fruto de um emaranhado de exclusões geradas pelas relações de poder não mediadas por uma preocupação pedagógica desse ambiente (ALTMANN, 1998). Além disso, a falta dessa mediação pedagógica pode fazer com que as meninas não vençam o medo de se machucar e de se arriscar, o que, por sua vez, não torna a rua, a princípio, um espaço plenamente democrático para o exercício da aprendizagem de qualquer esporte.

Para o João Batista Freire (2003), trazer a pedagogia da rua para um ambiente de ensino implica trabalhar com quatro princípios pedagógicos: da inclusão, ou seja, ensinar a todos; da excelência, o que significa ensinar bem a todos; da ética, implicando em ensinar valores de solidariedade, cooperação e respeito e, por fim, do prazer, para que o ensino desenvolva o gosto pelo esporte, tornando-o uma prática autônoma para a vida. Isso implica considerar a pluralidade de pessoas envolvidas num ambiente de ensino, com a suas mais



DOI: 10.12957/e-mosaicos.2022.51337

diversas experiências prévias, gostos e potencialidades. Considerando essa pluralidade, alguns pressupostos tradicionais como a estabilidade, a objetividade e a simplicidade perderam espaço nos debates pedagógicos, uma vez que propostas que chamam atenção à complexidade, ao contexto e à humanização do gesto emergiram, sobretudo, a partir da década de 1980 (GALATTI et al., 2014; REVERDITO; SCAGLIA, 2009).

Tais propostas têm como ênfase a pessoa que joga e as pluralidades de significados e contextos que a cercam. Refletimos sobre a existência e a necessidade de diversas pedagogias voltadas ao esporte, como forma de mediar seu ensino, de acordo com os distintos sujeitos, objetivos e apropriações para os quais ele se apresenta (REVERDITO; SCAGLIA, 2009). A pluralidade ainda se encontra presente dentro de cada contexto, uma vez que cada pessoa que se envolve numa aula é atravessada por distintas experiências corporais, oportunidades, facilidades e engajamentos, de modo que mediar esses momentos inclui ter sensibilidades para perceber essas diferenças, sendo capaz de criar ambientes que as acomodem.

Nesse caso, a proposta de ensino-aprendizagem-treinamento do esporte é intrinsecamente calcada num apelo à inteligência e à cooperação, fazendo com que o jogo seja valorizado enquanto um ambiente de resolução de problemas coletivamente, onde não se joga sozinho (GARGANTA; PINTO, 1994). Nesse sentido, segundo Garganta e Pinto (1994), a partir dessa abordagem, consegue-se explorar o real potencial educativo do esporte, o qual ficaria comprometido quando sua prática é restrita ao “rachão”, isto é, a uma prática livre e descomprometida, que só reforçaria o que já se sabe e os obstáculos ao que não se sabe. Além disso, trabalhando a partir dos problemas táticos e da resolução dos mesmos coletivamente, estamos educando alunos do futebol para uma formação humanista, calcada na criatividade, no desenvolvimento de um potencial pessoal e que reivindica fundamentalmente a liberdade, pressuposto para a criação de um pensamento crítico (GRECO; BENDA, 1998). Valores estes de formação que se harmonizam com a ideia de solidariedade, cooperação e respeito, coerentes assim com a utilização e educação para o jogo e pelo jogo para a construção de outras práticas sociais mais humanas e democráticas.

A maior parte dessas propostas, todavia, foi pensada para contexto de modalidades esportivas que apresentam interação com os adversários, isto é, para ação desenvolvida por um jogador que depende diretamente da forma como seu opositor reage a uma situação de jogo, como o futebol, handebol, voleibol, dentre outras. Isso implica pensarmos que há muitas possibilidades de prática esportiva que são diferentes dessa mesma, de modo que esses esportes podem ser agrupados de acordo com suas estruturas, dinâmicas e



DOI: 10.12957/e-mosaicos.2022.51337

lógicas internas. Com relação a sua lógica interna, podemos destacar que existem as práticas esportivas que possuem interação com os adversários (futebol, tênis, boxe, voleibol, etc.) e aquelas que não possuem (atletismo, natação, ginástica artística). Nesse último espectro, encontra-se o skate, o qual se enquadra como uma modalidade estética ou técnica combinatória (GONZALEZ, 2004).

Há uma particularidade, entretanto, no skate, que se refere ao fato de que, enquanto modalidade olímpica, ele é praticado num ambiente estável – a pista. Por outro lado, há no interior da própria subcultura uma disputa acerca de seus significados, de modo que uma parte dos skatistas defende que essa é uma prática de rua, realizada diante dos mais diversos equipamentos urbanos, como ruas, calçadas, corrimãos, bancos, distintas pistas, dentre outros obstáculos, o que a torna como uma prática de ambiente sem estabilidade. Essa forma é, por sinal, a forma pela qual as pessoas costumam se inserir na prática, de modo que a incerteza da instabilidade do ambiente promove uma complexidade no andar de skate que faz com que a aproximemos da dinâmica imprevisível de um jogo. A seguir, destacamos como essa lógica interna pode desdobrar-se em estratégias e conteúdos que permitam o ensino do skate em ambientes coletivos e de escassos recursos materiais.

"DANDO UM ROLÊ" DE SKATE PELAS BRINCADEIRAS E JOGOS POPULARES DA CULTURA LÚDICA INFANTIL

O ensino do skate pode partir da cultura lúdica das crianças, de forma a aproximar-se do universo cultural com o qual elas se identificam. Em segundo lugar, ela pode também tirar o foco da execução técnica de uma manobra – seja ela de deslocamento, de equilíbrio ou de salto – a fim de contribuir para o prazer com aquela prática. Ao focar no arriscar-se diante do desafio de um jogo, a pressão é menor, já que não se trata de fazê-lo para acertar, mas no sentido imanente daquela brincadeira à qual a criança já é familiarizada. Em terceiro lugar, busca-se a participação de todas as crianças ao mesmo tempo, a fim de não promover a exclusão e não impossibilitar o trato pedagógico da modalidade em um ambiente de escassos recursos materiais.

As brincadeiras tradicionais nos permitem reinventá-las e adaptá-las a diversas manifestações esportivas. Sendo assim, buscamos adaptar algumas brincadeiras tradicionais ao skate. Nossos exemplos partem de jogos bastante comuns na cultura lúdica: Queimada, dança da cadeira, bobinho, corrida e a ponte do rio que cai. O fato de esses jogos serem bastante conhecidos facilita a forma de aprendizado dos alunos, estimulando a participação de todos e



tirando o foco do gesto técnico do skate. Além disso, ao adicionar o skate em determinado contexto do jogo, permitem potencializar capacidades motoras coordenativas como diferenciação, equilíbrio, orientação, ritmo, reação, alteração, adaptação e regulação.

Para descrevê-las, nos fundamentamos nas ideias de que, para andar de skate, é necessário desenvolver algumas capacidades coordenativas. Nesse sentido, buscamos atividades que promovem equilíbrio estático e equilíbrio com deslocamento em pé ou sentado sobre o skate. Essas atividades de equilíbrio buscam familiarizar os alunos com a instabilidade promovida pelo skate e, ao mesmo tempo, desenvolver algumas noções de “base” de apoio no implemento. Ou seja, como e onde devem apoiar os pés e qual é a perna com a qual se sentem mais à vontade para impulsionar o deslocamento.

Por fim, algumas atividades são focadas no desenvolvimento da “remada”, isto é, da capacidade de se impulsionar com um dos pés empurrando o chão, enquanto o outro repousa equilibrando a pessoa em cima do skate. Essas atividades de remada foram pensadas em contextos que favorecem o aluno a perceber a condução do deslocamento e a direção do mesmo e as formas de equilibrar o corpo que permitem mudar a direção do deslocamento do skate. Com isso, o objetivo é que o aluno perceba que, a depender da forma como ele inclina o corpo ou rema, o skate tomará alguma direção. Além disso, outras atividades também são voltadas para que ele reme distribuindo sua atenção para outros elementos do contexto, a fim que ele possa automatizar a ação da remada, algo que é fundamental para que no futuro ele se dedique a tentar algumas manobras.

Além das atividades coordenativas sobre o skate, esses jogos também buscam desenvolver valores relacionados à cooperação, co-educação, ética e respeito aos colegas e às regras. O skate, como uma atividade de aventura, envolve algum risco e, por isso, é importante que, para praticá-lo autonomamente, as crianças desenvolvam um autocuidado, bem como um apreço pelo próximo, a fim de ajudá-lo a aprender uma manobra, ou socorrê-lo em caso de algum acidente. É importante que os alunos compreendam que a aprendizagem do skate, como algo desenvolvido informalmente, depende bastante das redes de amizade e solidariedade dos espaços de práticas e, por isso, eles devem ser educados a serem pessoas disponíveis para aprender com o próximo, mas também a ensiná-lo, numa postura constante de trocas de experiências. No quadro a seguir, sintetizamos seis jogos populares adaptados ao ensino do skate. Apontamos os objetivos dos jogos do ponto de vista técnico, mas também do ponto de vista socioeducativo, e descrevemos a estrutura física e material necessárias, as características funcionais do ponto de vista da dinâmica do jogo e das regras de ação e, por fim, as normas do



DOI: 10.12957/e-mosaicos.2022.51337

mesmo.

Quadro 1- Jogos populares adaptados ao ensino do skate

Brincadeiras	Principais objetivos	Características
Corrida de estafeta com skate	Desenvolver o espírito colaborativo e a coeducação, noções de base e remada. Do ponto de vista conceitual, também apresentamos os nomes dos materiais que compõem o skate.	Estruturais: Turmas divididas em 2 grupos (10 alunos para cada grupo). Recursos: 2 skates, espaço do jogo é a quadra. Funcionais: em dinâmica de estafeta, o primeiro aluno de cada fila sai agachado/ ajoelhado no skate, tendo que impulsioná-lo com um pé no chão, e o outro com o joelho sobre o skate. As mãos devem segurar na parte da frente do skate (nose). Nessa posição, os alunos vão se deslocando até o limite proposto. Chegando lá, viram o skate e retornam à fila. Ao terminar o trajeto, passam o skate para a pessoa seguinte. Para tornar mais cooperativo, o professor pode estabelecer como desafio um tempo para cada fila terminar a tarefa. Caso haja desequilíbrio entre as filas, o professor pede que elas se redistribuam, de maneira que ambas consigam cumprir o tempo. Normativas: Os alunos não podem se deslocar em pé sobre o skate e devem entregar o skate na mão do próximo da fila.
Queimada Adaptada	Desenvolver autonomia, pois os alunos têm que se deslocar com skate. Em algumas situações desenvolve noções de equilíbrio e estabilidade.	Estruturais: Turmas divididas em 2 grupos (10 alunos para cada grupo). Recursos: 2 skates, 1 bola de iniciação e o espaço referente a quadra. Funcionais: cada aluno terá um número que, ao ser chamado, terá que se deslocar até o centro da quadra, com o skate. Os demais, se deslocam para se proteger. O primeiro que chegar até a bola terá que permanecer em cima do skate, e arremessar a bola em alguém do grupo oponente. Normativas: Não pode arremessar a bola fora do skate; o aluno terá que remar em pé; não pode lançar a bola no rosto do colega.



DOI: 10.12957/e-mosaicos.2022.51337

Dança do skate	Desenvolver a capacidade de equilíbrio sobre o skate com pressão de tempo. Desenvolver ética, para fortalecer comportamentos positivos em relação às regras da brincadeira.	Estruturais: Em qualquer lugar da quadra, todos os integrantes da turma irão formar um círculo com os skates. Recursos: para uma turma de 20 alunos, a quantidade de skate terá que ser de 19, ou seja, um a menos. Funcionais: Os alunos terão que dançar em torno dos skates enquanto toca uma música. Ao parar a música, os mesmos terão que subir em cima dos skates. Só poderá subir um aluno por skate; ao final, um deles ficará de fora e assim sucessivamente. Normativas: os alunos não podem se empurrar para subir no skate; quem subir primeiro é o que ficará no skate; não pode subir antes da música acabar; e não pode puxar o skate do colega.
Ponte skate	Ganhar confiança em andar em cima do skate. Desenvolver responsabilidade e cooperação, pois os alunos precisam cumprir a regra para que os colegas não caiam, e concluam a brincadeira.	Estruturais: Em qualquer lugar da quadra, turmas separadas em 2 grupos de 10 alunos. Recursos: 10 skates por grupo Funcionais: os alunos terão que colocar os skates em fileiras em uma distância de 30 cm simulando uma ponte, cada aluno irá passar pisando sobre o skate. A turma terá que segurar os skates para que o colega passe e não caia. O professor pode estipular um tempo para que os alunos cumpram o desafio também. Normativas: todo aluno deve ajudar a segurar os skates; e os skates devem permanecer em fileiras.
Quicando a bola	Desenvolver remada com a pressão de organização, já que, ao mesmo tempo em que rema sobre o skate, terá que conduzir a bola com as mãos, quicando-a no chão, estimulando equilíbrio e noção de direção.	Estruturais: Em qualquer lugar da quadra, turmas separadas 2 grupos de 10 alunos. Recursos: 2 bolas, 2 cones e 2 skates. Funcionais: Os alunos, em fileira, terão que se deslocar até o outro lado da quadra. Ao mesmo tempo, devem quicar a bola e simultaneamente executar a remada em cima do skate (impulsionar o skate). Chegando ao cone, devem controlá-lo e voltar quicando até chegar no colega. Normativas: não pode jogar a bola antes de chegar próximo ao colega e é necessário quicar a bola até a chegar ao cone.



DOI: 10.12957/e-mosaicos.2022.51337

Skate baratinha	Desenvolver a remada, distribuindo a atenção para outros elementos, com pressão de variabilidade e com tomada de decisão, já que tem de decidir como tentar interceptar a bola de uma maneira eficiente.	Estruturais: um espaço delimitado para as pessoas correrem. Recursos: 1 skate (por pegador) e uma bola. Funcionais: Na área delimitada pelo professor, enquanto os colegas trocam passes com a bola entre si, 1 aluno terá que tentar interceptá-la em cima do skate. Normativas: Não pode sair do espaço delimitado, não pode derrubar a bola no chão, se não troca quem é o pegador; e o pegador não pode sair de cima do skate.
------------------------	--	--

Fig. 1: Exemplo da proposta de brincadeira “Ponte skate”. Um grupo de alunos cumprindo com a atividade, segurando os skates enquanto a colega passa pela ponte. Foto: J. Gama (Setembro, 2019)



“ROLÊ” FINAL SOBRE A INICIAÇÃO AO SKATE

Diante do exposto, este ensaio teve por objetivo apontar algumas possibilidades de adaptação nos jogos populares para o ensino do skate na etapa de iniciação da prática esportiva. Partindo dos pressupostos da pedagogia do esporte, ressaltamos que o aprendizado da modalidade em ambientes formais e não formais de ensino pode partir da cultura lúdica das crianças. Essa proposta de partir da pedagogia da rua tem muito a ver com a



DOI: 10.12957/e-mosaicos.2022.51337

prática do skate, já que ela se desenvolve de maneira informal, como uma técnica corporal que se transmite de geração para geração no contexto das pistas. Todavia, sistematizá-la nos ambientes de ensino traz o ganho a presença de princípios pedagógicos com o fim de democratizar o acesso, permitindo a inclusão, a difusão de valores éticos e de adaptações que permitam o prazer com a prática, mesmo aos iniciantes.

Apesar dos estudos relacionados ao skate como mecanismo de aprendizado, sobretudo, o skate dentro das escolas, consideramos que existe uma carência de informação com relação às propostas de ensino relacionadas ao skate, dentro e fora do contexto educacional. O que faz supor que é um campo com conhecimentos para dar e fornecer novas formas de aprendizado. Vê-se o skate como uma atividade com potencial para inserir no contexto escolar, que proporciona aprendizagem de acordo com os objetivos educativos, com base no currículo escolar, especificamente na disciplina de Educação Física, aprendizagens críticas da realidade sociocultural contemporânea. Abrindo novos caminhos para compreender e analisar a realidade, permitindo gerar instâncias esportivas e lúdicas através de jogos, jogos que não precisam de ter um contexto escolar para ser implementado.

Partir da pedagogia da rua e dos jogos tradicionais não é algo novo na pedagogia do esporte. O que gostaríamos de ressaltar é que, se no contexto dos jogos coletivos, eles servem para ensinar componentes táticos, para o skate, eles ajudam a familiarização com o implemento num contexto de menor pressão sobre o acerto e o erro técnico. As atividades propostas buscam, por essa via, inserir aos poucos os elementos básicos, do se deslocar com o skate, remar, ao mesmo tempo em que se desenvolvem valores fundamentais para a subcultura praticada nas ruas, como a cooperação, coeducação e respeito.

Por fim, cabe dois destaques importantes. Embora essas propostas sejam destinadas a um público bem genérico de iniciação ao skate, destacamos que podem ter um efeito positivo sobre o público feminino, já que elas ajudariam a pedagogizar e desmistificar a prática para aquelas que muitas vezes são (auto)excluída das pistas e praças de prática. Em segundo lugar, essas sugestões são advindas da nossa prática pedagógica e das trocas que realizamos sobre o ensino do skate ao longo de muitos anos. Elas assumem nesse ensaio o formato de um pequeno inventário de possibilidades, que não pretende, de forma alguma, encerrar o debate sobre as práticas pedagógicas da modalidade. Tampouco, pretendemos trabalhá-lo como um manual ou guia, que funcionaria como uma receita para o ensino do esporte. Conforme já destacamos, o ensino do esporte deve ser adequado aos sujeitos, seus objetivos, contextos e biografias. Dessa forma, nosso intuito foi apenas de contribuir para fomentar a criatividade nas aulas dos professores que, por



DOI: 10.12957/e-mosaicos.2022.51337

vezes, pouca familiaridade tem com esse esporte que é tão recente! Esperamos, com isso, contribuir para abrir esse debate sobre o ensino do skate nos ambientes formais ou não formais de ensino.

REFERÊNCIAS

ALTMANN, Helena. Rompendo fronteiras de gênero: Marias (e) homens na educação física. Dissertação de mestrado em educação. Belo Horizonte: UFMG, 1998, 111p.

ARMBRUST, I.; LAURO, F. O skate e suas possibilidades educacionais. Motriz. Rio Claro - SP, v. 16, n. 3, 2010.

BRANDÃO, L. Entre a marginalização e a esportivização: elementos para uma história da juventude skatista no Brasil. Revista de história de esporte, Rio de Janeiro, RJ, v.1, n. 2, p. 01-24, 2008.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE SKATE. "Dados do esporte". Site CBSK.

Disponível em: <http://www.cbsk.com.br/cms/dados/pesquisas-datafolha-2015/2>. Acesso em 10 de março de 2020.

FREIRE, J. B. Pedagogia do futebol. Campinas: Autores Associados, 2003.

GALATTI, L. R.; REVERDITO, R. S.; SCAGLIA, A. J.; PAES, R. R.; SEOANE, A. M. Pedagogia do esporte: tensão na ciência e o ensino dos jogos esportivos coletivos. Revista da Educação Física/UEM, v.25, n.1, p.153-162, 2014.

GARGANTA, J.; PINTO, J. O ensino do futebol. O ensino dos jogos desportivos. p.95-136, 1994.

GONZÁLEZ, F. J. Sistema de classificação de esportes com base nos critérios: cooperação, interação com o adversário, ambiente, desempenho comparado e objetivos táticos da ação. Lecturas: Educación física y deportes, n.71, 2004.

GRECO, P. J.; MORALES, Juan Carlos Perez (Org.) ; COSTA, Gustavo de Conti Teixeira (Org.) . Manual das práticas dos esportes no Programa Segundo Tempo. 1. ed. Maringá: Editora da Universidade estadual Maringá (EDUEM), 2013.

LEONARDO, L.; SCAGLIA, A. J.; REVERDITO, R. S. O ensino dos esportes coletivos: metodologia pautada na família dos jogos. Motriz. Journal of Physical Education. UNESP, p.236-246, 2009.

MACHADO, G. De carrinho pela cidade: a prática do street skate em São Paulo. 2011. 268f. Dissertação (Mestrado em Antropologia social) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

MACHADO, G. A cidade dos picos: a prática do skate e os desafios da cidadinidade. 2017. 345f. Tese (Doutorado em Antropologia social) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.



DOI: 10.12957/e-mosaicos.2022.51337

SILVA, S. Deportes extremos en la escuela: las tres dimensiones de los contenidos y el desarrollo del pensamiento crítico. *Innovación educativa*, n. 25, p.249-267, 2015.

PAES, R. R.;BALBINO, H. F. A pedagogia do esporte e os jogos coletivos. DE ROSE, D. et al. Esporte e atividade física na infância e adolescência: uma abordagem multidisciplinar. Porto Alegre: Artmed, p.73-83, 2009.

RAMPAZZO, Marcelo; STIGGER, Marco Paulo. Jovens praticantes de skate e seu cotidiano. *Motrivivência*, Florianópolis, v. 28, n. 48, p. 207-221, set. 2016. ISSN 2175-8042. Disponível em:

<<https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2016v28n48p207>>.

REVERDITO, R. S., SCAGLIA, A. J.; PAES, R. R. Pedagogia do esporte: panorama e análise conceitual das principais abordagens. *Motriz. Journal of Physical Education*. UNESP, p.600-610, 2009.

SARAVÍ, J. Skate, espacios urbanos y jóvenes en la ciudad de La Plata. 2012. Dissertação (Mestrado em educação corporal) Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación - Universidad Nacional de La Plata, La Plata, 2012.

SARAVÍ, J.; HONORATO, T. . Pensar a Prática, Goiânia, GO v. 20, n. 2, 2017.

SO, M. R., MARTINS, M. Z.; BETTI, M. As relações das meninas com os saberes das lutas nas aulas de Educação Física. *Motrivivência*, v.30, n.56, p.29-48, 2018.

UCHOGA, L.; ALTMANN, H. Educação física escolar e relações de gênero: diferentes modos de participar e arriscar-se nos conteúdos de aula. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, v.38, n.2, p.163-170, 2016.

UVINHA, R. R. Juventude, lazer e esportes radicais. São Paulo: Manole. 2001.

WENETZ, I. As crianças ausentes na rua e nas praças: Etnografia dos espaços vazios. *Civitas - Revista de Ciências Sociais*, Porto Alegre, RS, v. 13, n. 2, p. 346-363, 2013.

Recebido em 28 de maio de 2022

Aceito em 10 de junho de 2022



A e-Mosaicos Revista Multidisciplinar de Ensino, Pesquisa, Extensão e Cultura do Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira (CAp-UERJ) está disponibilizada sob uma Licença Creative Commons - Atribuição - NãoComercial 4.0 Internacional.

Os direitos autorais de todos os trabalhos publicados na revista pertencem ao(s) seu(s) autor(es) e coautor(es), com o direito de primeira publicação cedido à e-Mosaicos.

Os artigos publicados são de acesso público, de uso gratuito, com atribuição de autoria obrigatória, para aplicações de finalidade educacional e não-comercial, de acordo com o modelo de licenciamento *Creative Commons* adotado pela revista.